

Crônica de memória – Seminário Nacional da CF 2026

1. Dia 25 de setembro de 2025 chegamos em Brasília como peregrinos do esperar: nossa esperança é de que a Igreja tenha feito da ecologia integral (CF 25) um caminho sempre aberto de integração, encontro e reconciliação. Mas, igualmente, nossa esperança é que todas as pessoas tenham direito à moradia, à cidade e a uma habitação com qualidade. Para isso, nossa chegada foi marcada por apresentações, acolhidas, encontros e reencontros, abraços ricos de utopias e um banquinho da fraternidade, no qual os amigos do Cristo-sem teto puderam se fazer *solidariedade*.
2. Para avançar, fizemos memória da CF 2025. Alessandra e Peterson como mistagogos nos introduziram na mística da proximidade, da fraternidade e da casa comum. Com eles, visitamos os lugares das travessias, a partir de cinco elementos: a) Adesão e comprometimento; b) Expressões de solidariedade; c) Fortalecimento das pastorais de conjunto e ações convergentes; d) Coleta e gestão do Fundo Nacional de Solidariedade (nacional e local); e) processos formativos: materiais e outras ferramentas. As regiões do nosso grande Brasil e as instituições parceiras, como verdadeiras *casas comuns*, reuniram-se para escuta, diálogo e uma grande partilha. Contemplamos muitas belezas regionais, mas vimos que ainda há muito o que fazer, sobretudo buscando a conversão de mentalidade de tantos irmãos e irmãs, que ao longo dos anos foram se fechando à iniciativa profética da Campanha da Fraternidade.
3. Tudo isso foi levado qual ofertório do altar da história para o altar da vida: Dom Manoel fez a ponte! Pe. Jair, sempre uma presença musical, cantou a esperança com o auxílio da Igreja do sudeste. Em seguida conhecemos duas ferramentas de resistência: a primeira, cheia de afeto e *certificada* de esperanças, o **capacita em rede**, apresentou seu relatório e suas crescentes possibilidades. A outra, a nova edição da revista **casa comum**, lançou as sementes formativas para a compreensão de que a fraternidade e a sororidade só existirão plenamente quando a moradia for uma realidade universal, sem exclusão, especulação imobiliária, precarização ou racismos. Afinal, lembrou-nos Fábio Paes: a Revista e a CF “são a voz, o estômago e os pés de quem não é visto nas estradas desse mundo”.
4. Começamos a sexta-feira, dia 26, com a harmonia profética do ofício divino celebrado com os sotaques dos nossos irmãos e irmãs do norte. Em seguida, Pe. Jean nos introduziu no tema da campanha, suas motivações, objetivos e subsídios. Falou-nos, com o padre Jair, sobre o processo de criação do hino e os projetos diversos que chegaram a CNBB. Do objetivo geral, enfatizou que moradia não significa só a casa, mas todos os serviços e aparelhos essenciais à formação integral das pessoas, isto é, ela é condição para uma vida digna. Dos específicos, reforçou e justificou que embora já seja um direito, a moradia precisa ser uma prioridade das políticas públicas, dos governos e da própria Igreja.
5. O momento do VER foi conduzido por pessoas queridas: Evaniza, Ricardo, Fr. Marcelo e o profético Ivo Lesbaupin – testemunho vivo de resistência entre nós. Em síntese, conduziram-nos pelas realidades diversas de nosso país e nos alertaram: direito à cidade sem direito à moradia é um descaso. Os dados, números, gráficos e fatos que já estão no texto base nos dizem que os pobres constroem seu próprio habitat. Não sabemos se isso é um problema ou uma solução, mas sabemos que ninguém escolhe viver em área de risco. As circunstâncias socioeconômicas favorecem a uns poucos e empurram para longe os muitos irmãos e irmãs de quem nossa campanha quer ser porta-voz. Ricardo, de maneira muito sensível, concluiu: “é preciso levar gente para onde tem cidade e cidade para onde tem gente”.
6. A Igreja do Sul nos embalou na mística da tarde que nos conduziu à contemplação da atualidade do lema da CF 2026, através do testemunho das mulheres religiosas da comunidade *sol nascente*: Ele veio morar entre nós nas irmãs Geralda e Eugênia, nas crianças, mulheres e homens que, antes de uma campanha, já profetizam a fraternidade e a



- luta por moradia em seu lugar. Animados e animadas pela profecia do Sol Nascente, e para que ela jamais tenha o caso, iniciativas como a do **Farol 1817** foram partilhadas: 1066 pessoas já fizeram o curso sobre o Fundo Nacional de Solidariedade; outras 3549 fizeram o curso da CF 2025. E o novo já está lançado. A luz não se apaga, porque o *pavio ainda fume*. E fume na força criativa da juventude, $\frac{1}{4}$ de nossa população brasileira. Giovani, coordenador do eixo pedagógico do **MAGIS Brasil**, apresentou-nos o curso: *os direitos das pessoas em situação de rua* aberto a todos e todas e nos lembrou o óbvio: “nada da rua sem a rua”. A palavra foi aberta e como as artesãs pernambucanas, cada irmão/a foi costurando sonhos e projetando os próprios passos. A noite foi longe com a “pastoral da confraternização” que compreendeu que as amizades são também fraternidade e moradia.
7. Amanheceu, é novo dia: bendito seja Deus pela presença de Maria Santíssima – morada de Deus – na mística deste sábado 27, conduzida pela Igreja nordestina, fizemos memória da mãe de Jesus, mulher toda iluminada de Deus. Iluminação que estruturou todo o dia de estudos. Primeiro vimos o vídeo introdutório de Mariana Venâncio sobre a fundamentação bíblica para nossa CF. Depois, Pe. Jean, Pe. Leandro, CSsR e Pe. Frizzo trouxeram outras perspectivas que nos ajudarão nas vivências práticas da Campanha. Frizzo, inspirado pela Palavra, disse: “quando os grandes se movem, os pequenos sofrem”. Pe. Aquino Jr. seguiu iluminando a reflexão com os faróis da Tradição e do Magistério. Disse ele: “nosso maior desafio é compreender que toda essa realidade social e a da moradia em particular é uma questão de fé”, e à luz dos padres da Igreja, nos recordou que “o corpo de Cristo eucarístico é tão sacramental quanto o corpo de Cristo pobre”.
 8. A tarde do sábado começou com o agir, iluminado pela denúncia de Dom Manoel que nos disse: “nós como Igreja, estamos distantes dos pobres”. Assim, para fortalecer a presença social e o compromisso sociotransformador, o momento do agir tem caráter comunitário, eclesial, educativo e sociopolítico. Fr. Marcelo apresentou a identidade da pastoral de moradia e favela e disse que tal iniciativa pastoral é um desejo concreto da CF 26, sobretudo porque no Brasil há dois milhões de pessoas com ameaças de despejo. Elton nos ajudou trazendo iniciativas fundamentais como a conquista da lei Júlio Lancellotti contra a arquitetura hostil e a importância de participarmos nos conselhos paritários nas diversas esferas. Evaniza concluiu com a recordação de que todos e todas temos direito à cidade e que a CF é chamada, em cada base, a fortalecer e a dialogar com movimentos populares e sociais. Ir. Regina – a voz missionária – proclamou que todos, em especial as pessoas pretas, temos direito à memória, reparação histórica e liberdade. E temos direito também as doçuras dos regionais – nossos doces de Cosme e Damião, partilhados com carinho, estiveram presentes e adocicaram nossa peregrinação. Fizemos um retrato aos pés do Ipê. Queríamos colocar todas as belezas numa foto. O Ipê, por sua vez, coloriu de branco-coragem nossa recordação. Em seguida, Pe. Felipe, novo Ecônomo da CNBB, apresentou o relatório do FNS e vimos que temos crescido na arrecadação. Houve, ainda, o lançamento da novidade que já nos impulsiona para estradas futuras: o texto-base para crianças.
 9. A grande novidade de nosso seminário foi a visita aos irmãos e irmãs em situação de rua no setor comercial sul: encontrar, comer junto, sentar-se no banquinho da proximidade real... Mergulhar na realidade não pode ser uma extensão do ver, somente. Não se tratou de um laboratório, não fomos aplicar aquilo que vimos nos primeiros dias. Antes, foi, uma iluminação: vimos e começamos uma ação iluminados pelo Evangelho do Cristo que nos diz: hoje preciso ficar em tua casa! O roteiro da vigília foi alterado. Aquilo que Giovani nos dissera, fez sentido: “nada da rua sem ouvir a rua...”. Eles queriam falar e falaram. A voz da moça ecoou: “quero que valorize o que você tem; você é um ser, você é alguém: Ele está em você!”; a voz do senhor que disse: “obrigado porque vocês sentaram com a gente”. A noite de sábado foi evangelho, foi eucaristia, foi envio, foi campanha da fraternidade!
 10. A CF é um chamado à conversão e é profecia de ressurreição. Por isso, o domingo começou com a *via lucis*: “vinde e vejam, vinde: Ele está no meio de nós!”. Não há cruz sem



dinamismo pascal, diziam os irmãos do centro-oeste que cuidaram da oração. A peregrinação continuou e, por isso, uma moção de repúdio aos que insistem em expulsar, despejar e remover famílias de suas casas em diversos lugares do Brasil foi elevada pelo grupo. Se há sinal de morte, nós cantamos e invocamos o Cristo libertador, que nos faz irmãos e irmãs. Avaliamos, ficamos emocionados, agradecemos ao Pe. Jean e a equipe nacional e tudo isso nos fez ver a providência divina agindo pela liturgia da Palavra e pelas motivações do Dom Ricardo, secretário da CNBB, que presidiu a missa: “há uma violência que se chama *indiferença*. E essa marcou a relação entre o rico opulento e o pobre Lázaro”, que nós não sejamos indiferentes aos que sequer têm teto. No entorno das mesas benditas, celebramos e partilhamos o mesmo pão – pão do céu e da história, dos nossos cansaços e utopias, das nossas mãos calejadas e dos olhos marejados que acreditam naquela verdade antiga e nova: o verbo se fez gente e morou entre nós!

